

UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO
CURSO DE JORNALISMO

ANDRÉ LEMES MERICE

RELATÓRIO DE PRODUTO MUDIÁTICO – DOCUMENTÁRIO
VÓ, COMO FOI O SEU DIA?

RIBEIRÃO PRETO
2024

ANDRÉ LEMES MERICE

RELATÓRIO DE PRODUTO MUDIÁTICO – DOCUMENTÁRIO
VÓ, COMO FOI O SEU DIA?

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Universidade de Ribeirão Preto
UNAERP, como requisito para obtenção do
título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Profª. Ms. Flávia Cortese Martelli.

Ficha catalográfica preparada pelo Centro de
Processamento Técnico da Biblioteca Central da UNAERP

- Universidade de Ribeirão Preto -

MERICE, André Lemes, 2003-

M561d Documentário sobre um portador de Alzheimer: “Vó, como foi
o seu dia?” / André Lemes Merice. -- Ribeirão Preto, 2024.
39 f.

Orientador (a): Prof.^a Me.^a Flávia Cortesi Martelli.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo)
– Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP), Ribeirão Preto, 2024.

1. Documentário. 2. Alzheimer. 3. Doenças. I. Título.

CDD 070

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é dedicado a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste importante marco em minha vida.

Primeiramente, à minha família, por todo o amor, apoio e paciência ao longo desta jornada. Vocês foram meu porto seguro nos momentos mais desafiadores e a minha alegria nos dias mais felizes.

Aos amigos e colegas, que estiveram ao meu lado compartilhando os desafios e as conquistas deste percurso. A força do companheirismo e as palavras de incentivo tornaram tudo mais leve e significativo.

À minha orientadora, Prof.a Ms. Flávia Cortese Martelli, e aos professores, cuja sabedoria, orientação e dedicação foram indispensáveis para alcançar este resultado. Vocês foram uma fonte constante de motivação e aprendizado.

Aos participantes da pesquisa, que enriqueceram este estudo com suas valiosas contribuições. Sem a colaboração de vocês, este trabalho não seria o mesmo.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso aborda o crescente impacto do Alzheimer na sociedade, especialmente em face do envelhecimento populacional no Brasil e no mundo. O trabalho explora como o processo de envelhecimento traz consigo mudanças físicas e mentais, que frequentemente culminam em doenças como o Alzheimer, uma forma progressiva de demência que afeta a memória e outras funções cognitivas do corpo humano. Focado nos desafios enfrentados por pacientes, familiares e cuidadores, o trabalho destaca os impactos econômicos, sociais e emocionais dessa condição. Além da análise científica, propõe a criação do documentário “Vó, como foi o seu dia?”, que busca humanizar a experiência dos envolvidos e aumentar a conscientização sobre a doença, promovendo a importância do diagnóstico precoce e de cuidados integrais. “Vó, como foi o seu dia?” enfatiza a necessidade de uma abordagem abrangente e sensível, que considere não apenas os aspectos médicos, mas também os efeitos sociais e emocionais da doença, contribuindo para uma maior compreensão e suporte às pessoas afetadas.

Palavras-chaves: Documentário; Alzheimer; doenças

ABSTRACT

This Final Undergraduate Project addresses the growing impact of Alzheimer's disease on society, particularly in the context of an aging population in Brazil and worldwide. The work explores how the aging process brings about physical and mental changes, often leading to conditions such as Alzheimer's, a progressive form of dementia that affects memory and other cognitive functions of the human body. Focusing on the challenges faced by patients, families, and caregivers, the project highlights the economic, social, and emotional impacts of this condition. In addition to scientific analysis, it proposes the creation of the documentary "Grandma, How Was Your Day?", which aims to humanize the experiences of those involved and raise awareness about the disease, promoting the importance of early diagnosis and comprehensive care. "Grandma, How Was Your Day?" emphasizes the need for a comprehensive and sensitive approach that considers not only the medical aspects but also the social and emotional effects of the disease, contributing to greater understanding and support for those affected.

Keywords: Documentary; Alzheimer's; diseases

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO.....	7
1. DETALHAMENTO TÉCNICO	10
1.1 ENTREVISTADOS	10
1.2 DEFINIÇÃO DA QUANTIDADE DE PESSOAS ENTREVISTADAS	11
1.3 INDICAÇÃO DO PERFIL DE CADA UM DOS ENTREVISTADOS.....	11
1.4 JUSTIFICATIVAS DO PORQUE DA ESCOLHA DOS ENTREVISTADOS	12
1.5 IDEIA DO DOCUMENTÁRIO	12
1.6 CONTEÚDO DO DOCUMENTÁRIO	13
1.7 ROTEIRO.....	14
2. CRONOGRAMA	22
3. RELATOS DE PRODUÇÃO	23
CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICES	27
ANEXOS	34

INTRODUÇÃO

"Assim como entramos neste mundo, também saímos dele, isto é, sem nada" (Eclesiastes 5:15). Araújo et al. (2009) descreve que nós, seres humanos, passamos por diversas fases da vida: nascemos, crescemos e, finalmente, chegamos aos cabelos brancos. Esta última, por sinal, é caracterizada com uma série de mudanças morfológicas.

Mesmo ciente que o envelhecimento é inevitável para todos, nos últimos anos, especialmente no Brasil, a população idosa tem aumentado significativamente. Em 2010, os idosos representavam apenas 7,4% da população, mas em 2022, esse número subiu para 10,9% (IBGE, 2010), um aumento de 57,4%.

Como resultado desta longevidade, alguns problemas de saúde, que antes não preocupavam a população, começaram a aparecer. O processo de envelhecimento faz com que o ser humano passe a ter alterações físicas e mentais. O que antes era perfeito, como a visão, passa a ser complicada com a idade. Uma pessoa que antes enxergava os pequenos detalhes de uma placa de trânsito a 50 metros de distância, passa a ver tudo embaçado. E não se assuste, isso é normal. Além desses problemas, comuns na fase, os idosos podem contrair doenças que chegam sem fazer muito barulho, como o Alzheimer.

O Alzheimer (DA) é uma forma de demência, um distúrbio cerebral progressivo cujo nome homenageia o psiquiatra Alois Alzheimer, o primeiro a descrevê-la há mais de 100 anos (Alzheimer360, 2017). A doença caracteriza-se por mudanças no cérebro que resultam em depósitos de determinadas proteínas, levando ao encolhimento cerebral e à morte das células cerebrais. Ela é a causa mais comum de demência, manifestando-se como um declínio gradual na memória, no pensamento, nos comportamentos e nas habilidades sociais, o que compromete a capacidade funcional da pessoa (Paulino; Silva; Quintilio, 2022).

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), o número de pessoas vivendo com demência está crescendo. Um relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que mais de 55 milhões de pessoas (8,1% das mulheres e 5,4% dos homens acima de 65 anos) convivem com demência. Este número pode aumentar exponencialmente, atingindo 78 milhões em 2030 e 139 milhões em 2050 (OPAS, 2021).

No Brasil, o censo de 2010 do IBGE apontou um expressivo crescimento da população idosa, representando 12,1% do total, com uma incidência anual de 100 mil novos casos de Alzheimer. As projeções indicam que, em 2050, os idosos, particularmente na Ásia, América Latina e África, representarão 22% da população global, com uma consequente elevação dos casos de Alzheimer. Em território nacional, estima-se um aumento substancial, passando de

7,6% para 7,9% entre 2010 e 2020, resultando em 55.000 novos casos anualmente. O Alzheimer resulta de uma variedade de doenças e lesões que danificam o cérebro, afetando a memória e outras funções cognitivas, além de incapacitar o indivíduo para realizar tarefas diárias. Esta incapacidade é um fator-chave relacionado aos custos econômicos. Em 2019, os custos globais com a demência foram estimados em torno de US\$ 1,3 trilhões, com uma projeção de US\$ 1,7 trilhões até 2030, podendo chegar a US\$ 2,8 trilhões se incluídos os aumentos nos custos com os cuidados (OPAS, 2021).

O curso da doença varia entre 5 e 10 anos, e ela reduz a expectativa de vida em torno de 50. Além dos impactos biológicos, essa condição é também considerada uma questão social devido à falta de conhecimento sobre a doença, o que alimenta estigmas e preconceitos, acarretando um ônus emocional e financeiro para a família. Seus impactos vão além do indivíduo diagnosticado, estendendo-se também aos familiares e cuidadores, exigindo uma abordagem ampla e sensível na busca por compreensão, tratamento e suporte (Huang, 2023).

Neste contexto, a intenção de propor um estudo sobre o Alzheimer vai além da mera análise médica e científica. Trata-se então de um tema de relevância social, que demanda atenção da sociedade, políticas públicas e investimentos em pesquisa para compreender suas causas, sintomas, tratamentos e formas de convivência. Dessa forma, nesta pesquisa, pretende-se responder ao seguinte questionamento: como promover uma abordagem abrangente e humanizada, considerando não apenas os aspectos médicos, mas também os impactos sociais, emocionais e psicológicos tanto nos pacientes quanto nos seus cuidadores e familiares? Como os jornalistas podem contribuir para a conscientização?

No futuro, o conteúdo irá resultar num produto midiático no formato documentário, que humaniza a experiência dos pacientes e familiares, proporcionando uma compreensão empática e visceral dos desafios enfrentados. Além disso, o documentário “Vó, como foi o seu dia?”, terá um formato acessível e envolvente, que pode alcançar um público amplo e educar sobre diagnóstico precoce, cuidados necessários e implicações emocionais e sociais.

O documentário é uma forma poderosa de narrativa que utiliza a realidade como matéria-prima, apresentando fatos, histórias e experiências reais com o objetivo de informar, educar e provocar reflexão. Segundo Nichols (2010), o documentário não apenas registra a realidade, mas também a interpreta, construindo uma narrativa que pode influenciar a percepção e a compreensão do público sobre o tema abordado. Renov (2004) também destaca que o documentário é um meio de expressão que pode gerar empatia, ao permitir que os espectadores se conectem emocionalmente com as histórias e experiências apresentadas.

No caso de “Vó, como foi o seu dia?”, o objetivo é criar uma conexão profunda entre o público, o paciente e os familiares retratados, humanizando suas lutas e triunfos. O documentário visa também a promover a conscientização sobre a importância do diagnóstico precoce e dos cuidados integrais, englobando os aspectos sociais, emocionais e psicológicos.

1. DETALHAMENTO TÉCNICO

As filmagens do documentário foram realizadas utilizando três dispositivos móveis da marca iPhone, sendo um modelo 12, outro 13 e o terceiro na versão 14. Para garantir uma abordagem técnica diversificada e eficaz, dois desses aparelhos foram cuidadosamente posicionados em tripés, permitindo capturas estáticas com enquadramentos precisos e bem estruturados. O terceiro iPhone foi utilizado para tomadas em movimento, o que proporcionou dinamismo e detalhamento às cenas, trazendo uma dimensão mais imersiva e realista para o documentário. A captura de áudio foi realizada com dois microfones Boya com fio, garantindo que a qualidade sonora fosse clara e profissional, aspecto fundamental para complementar a narrativa visual do projeto.

A pós-produção foi conduzida com o uso de dois softwares de edição, Adobe Premiere e Capcut, conhecidos por sua versatilidade e recursos avançados. Todo o material captado foi editado para criar um produto final coeso, que uniu sensibilidade e técnica no formato de documentário. O objetivo central foi oferecer ao público uma visão aprofundada e empática do cotidiano de uma pessoa que vive com Alzheimer. O documentário também buscou explorar os impactos dessa condição além do indivíduo, destacando como ela afeta emocionalmente e de maneira prática os cuidadores e familiares envolvidos.

As entrevistas foram organizadas com base na disponibilidade de cada participante, garantindo flexibilidade e respeito aos seus compromissos e rotinas. Para criar um ambiente mais acolhedor e familiar, todas as gravações ocorreram na cidade de Orlandia-SP, onde residiam dois dos três entrevistados. Essa escolha possibilitou uma maior autenticidade na captura das histórias e emoções, reforçando o compromisso do projeto em humanizar as vivências das pessoas afetadas pelo Alzheimer.

O documentário se destacou não apenas como um registro visual, mas como uma ferramenta de conscientização sobre a realidade daqueles que convivem com a doença. Ele ofereceu um olhar único sobre as nuances dessa condição, contribuindo para sensibilizar e ampliar o entendimento sobre os desafios enfrentados pelos pacientes e suas redes de apoio.

1.1 ENTREVISTADOS

Para a produção do documentário “Vó, como foi o seu dia?”, foram entrevistados familiares que convivem diretamente com a doença, compartilhando suas vivências, desafios e aprendizados. O objetivo principal do documentário vai além de registrar depoimentos;

busca oferecer um retrato sensível e realista da rotina de uma pessoa com Alzheimer, destacando tanto os aspectos médicos quanto os emocionais.

Com uma abordagem humanizada, o documentário mergulha nas dinâmicas do dia a dia, ilustrando como os sintomas afetam não apenas o paciente, mas também as relações familiares e sociais. Por meio de relatos emocionantes e cenas do cotidiano, o projeto pretende sensibilizar o público sobre as dificuldades enfrentadas, mas também ressaltar momentos de conexão, carinho e superação que marcam a trajetória dos envolvidos.

Além disso, o documentário explora o impacto psicológico nos cuidadores, evidenciando a carga emocional e as estratégias que eles adotam para lidar com a situação. Ao trazer histórias reais, “Vó, como foi o seu dia?” contribui para a conscientização e empatia, incentivando um olhar mais inclusivo e acolhedor para quem vive com a doença e para aqueles que dedicam suas vidas a cuidar de seus entes queridos.

1.2 DEFINIÇÃO DA QUANTIDADE DE PESSOAS ENTREVISTADAS

Foram realizadas entrevistas com três familiares que possuem um vínculo próximo com um indivíduo afetado pelo Alzheimer, com o objetivo de explorar em profundidade os desafios, as experiências e as emoções que permeiam o cuidado da doença.

Cada familiar trouxe uma visão particular, compartilhando histórias marcantes e detalhando as dificuldades cotidianas, como lidar com lapsos de memória, mudanças de comportamento e a perda gradual da autonomia do ente querido. Além disso, os relatos destacaram a importância do afeto, da paciência e da resiliência.

1.3 INDICAÇÃO DO PERFIL DE CADA UM DOS ENTREVISTADOS

Os entrevistados do documentário “Vó, como foi o seu dia?” compõem um retrato multigeracional da família de Aparecida Leonardo Lemes, uma mulher de 77 anos que enfrenta os desafios do Alzheimer. A escolha desses familiares busca oferecer uma visão abrangente das diferentes perspectivas e relações afetadas pela doença, ressaltando o impacto emocional e as dinâmicas únicas entre mãe, filhos e netos.

Elenir Lemes Merice, de 50 anos, é a filha mais nova de Aparecida. Seu depoimento revela a experiência de quem equilibra a rotina de cuidados com suas próprias responsabilidades pessoais e profissionais, enfrentando os desafios com amor e dedicação.

Givanildo de Fátima Lemes, 40 anos, é o filho caçula de Aparecida e irmão mais novo de Elenir. Gi aborda os sentimentos de perda, saudade e a busca por maneiras de preservar a memória e a dignidade de Aparecida, enquanto fortalece os laços familiares.

Caio Henrique Gonçalves, de 28 anos, é neto de Aparecida e sobrinho de Elenir e Givanildo. Representando a geração mais jovem da família, Caio oferece uma perspectiva sobre o impacto do Alzheimer na relação entre avós e netos. Ele compartilha memórias afetivas e reflete sobre como a doença modificou a interação com sua avó, transformando momentos simples em oportunidades preciosas de conexão e aprendizado.

Esses depoimentos, ao serem entrelaçados no documentário, criam uma narrativa rica e multifacetada, ilustrando como o Alzheimer afeta cada membro da família de maneira distinta, mas também como une todos em torno do cuidado e do amor por Aparecida.

1.4 JUSTIFICATIVAS DO PORQUE DA ESCOLHA DOS ENTREVISTADOS

Os entrevistados do documentário foram selecionados cuidadosamente para representar perspectivas únicas e complementares, intimamente ligadas à experiência de cuidar de Aparecida. Os depoimentos de Elenir, Gi e Caio formam um mosaico humano e emocionante, que não apenas narra os desafios enfrentados pela família, mas também celebra os momentos de união, paciência e aprendizado que emergem do cuidado com Aparecida.

Ao dar voz a essas experiências, o documentário sensibiliza o público e promove uma reflexão sobre os impactos da doença nas famílias e na vida cotidiana.

1.5 IDEIA DO DOCUMENTÁRIO

A ideia principal foi a criação de um documentário profundamente sensível e autêntico, que capturasse de forma honesta o cotidiano de uma pessoa portadora de Alzheimer. Com um olhar humanizado e cuidadoso, a obra busca retratar não apenas os desafios individuais enfrentados pela pessoa afetada pela doença, como a perda progressiva de memória e autonomia, mas também o impacto significativo que essa condição exerce sobre as relações familiares, sociais e emocionais ao seu redor.

Ao longo da narrativa, o documentário explora a complexidade do Alzheimer, desde os primeiros sinais da doença até os estágios mais avançados, trazendo à tona as adaptações, sacrifícios e aprendizados que se tornam parte do dia a dia das famílias. Com depoimentos

sinceros, o documentário ilumina momentos de vulnerabilidade e de força, evidenciando a resiliência e o amor que permeiam essas experiências.

O objetivo final do documentário vai além de informar; ele busca promover uma profunda sensibilização e empatia em relação ao Alzheimer. Ao dar visibilidade às dificuldades enfrentadas pelos pacientes e seus cuidadores, a obra pretende desmistificar preconceitos, encorajar um diálogo mais aberto sobre a doença e inspirar a criação de redes de apoio e compreensão mútua.

Além disso, o documentário tem como missão contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas afetadas, seja por meio da conscientização sobre a importância de diagnósticos precoces e tratamentos adequados, seja ao oferecer conforto emocional para aqueles que enfrentam situações semelhantes. Ao lançar luz sobre uma realidade que muitas vezes é vivida em silêncio, o projeto busca transformar a percepção pública sobre o Alzheimer, promovendo um olhar mais inclusivo, acolhedor e solidário.

1.6 CONTEÚDO DO DOCUMENTÁRIO

O documentário contou com a participação de três personagens principais — Elenir, Givanildo e Caio —, além de Aparecida, que ocupa o papel central na narrativa. Cada um deles trouxe ao projeto perspectivas únicas e complementares, permitindo uma abordagem ampla e humana dos desafios enfrentados pela família diante do Alzheimer. A obra se constrói em torno das vivências compartilhadas, destacando não apenas os dilemas e tensões que emergem da convivência com a doença, mas também os laços de amor e resiliência que se fortalecem ao longo do caminho.

Elenir, uma das filhas de Aparecida, oferece um olhar profundo sobre os desafios emocionais e práticos de cuidar de sua mãe. Seu depoimento destaca as difíceis decisões que precisam ser tomadas diariamente, os ajustes necessários na dinâmica familiar e a importância de manter viva a dignidade de Aparecida em cada gesto de cuidado.

Givanildo, filho caçula de Aparecida e irmão de Elenir, complementa a narrativa com reflexões sobre a experiência de ser filho em uma situação de perda progressiva. Ele compartilha os momentos de saudade e frustração que surgem ao ver a mãe se distanciar da mulher que ele conhecia, mas também encontra formas de valorizar os pequenos instantes de lucidez e conexão.

Caio, neto de Aparecida, traz a visão da geração mais jovem da família. Ele compartilha memórias de convivência e detalha como o Alzheimer moldou sua relação com a

avó, transformando a admiração em uma nova forma de cuidado e paciência. Para Caio, a doença também oferece lições valiosas sobre o significado de família e a importância de estar presente nos momentos mais simples.

Por fim, Aparecida, embora em uma posição de fragilidade devido à doença, permanece como a figura central do documentário. Sua presença — em gestos, olhares e nos fragmentos de memória que ainda afloram — é o elo que une os três personagens. Ela personifica os desafios da condição, mas também a essência de um amor que transcende as limitações impostas pelo Alzheimer.

Ao explorar os desafios, dilemas e momentos de tensão vivenciados pela família, o documentário não apenas oferece uma visão educativa sobre o Alzheimer, mas também ressalta o poder da união familiar em contextos de adversidade. A narrativa busca sensibilizar o público, mostrando que, mesmo em meio às dificuldades, existe espaço para o aprendizado, o fortalecimento dos vínculos e a celebração da vida em sua forma mais humana e autêntica.

1.7 ROTEIRO

ROTEIRO FINAL	
Doc:	Vó, como foi o seu dia?
Integrantes:	Aparecida Leonarda Lemes, Givanildo de Fátima Lemes e Caio Henrique Gonçalves
Sinopse:	“Vó, como foi o seu dia?” é uma poderosa narrativa sobre a força da família, a resiliência humana para promover a compreensão e empatia em relação a uma das doenças mais devastadoras do século, o Alzheimer. O documentário mergulha na jornada de Aparecida e nos depoimentos de Elenir, Givanildo e Caio, membros de uma família que enfrentam os desafios da doença. Através de relatos íntimos e sinceros, a trama oferece uma visão profunda dos altos e baixos, dos momentos de alegria e de tristeza que acompanham o cuidado de uma

	mãe que luta contra o esquecimento.
Cena 1: carro entrando em cena.	Som: ambiente. Vídeo: Elenir estaciona o carro.
Cena 2: Elenir desce do carro.	Som: portas do carro se fechando, passos. Vídeo: Elenir caminhando até o portão da casa de sua mãe, Aparecida.
Cena 3: Elenir abre o portão.	Som: chaves e portão se abrindo, vozes suaves (da rua) ao fundo. Vídeo: Elenir entrando em casa.
Cena 4: Elenir entra em casa e vai em direção a mesa, onde encontra um caixa com álbuns de fotografia.	Vídeo: assim que ela abre a caixa, passa pelas fotos e, na sequência, fecha. Ao fechar, aparece o nome do documentário: “Vó, como foi o seu dia?”
Cena 5:	Elenir: Na verdade assim foi teve uma um processo de investigação, né? Para os exames tudo então, tudo era uma hipótese ainda, mas o dia da que dia que teve o diagnóstico mesmo. O que o médico passou pra gente a princípio era que tipo é que não existia a cura, né? E que na verdade é o remédio, ele é só dar uma paralisada, né?
Cena 6: Inserir imagem em: “E como a doença ia se transformar, como minha mãe ia reagir, como ia ser a reação dela, se ela ia começar a ficar mais diferente, né?”	Givanildo: Quando a gente acabou de sair do hospital, levamos ela até o carro do hospital, não do consultório, né? Aí, eu e minha irmã estávamos juntas, olhamos uma para a outra e ela começou a chorar. Eu tentei parecer mais forte e falei: "Calma, vamos esperar as coisas, né? Ver como vai ser, porque a gente nem tinha noção de como seria, né? E como a doença ia se transformar, como minha mãe

	<p>ia reagir, como ia ser a reação dela, se ela ia começar a ficar mais diferente, né? Porque até então, parecia que ela estava normal. Parecia que ela não tinha nada, né?" Então, minha reação no começo foi tentar ser forte e começar a entender o que era essa doença, como ela funciona. A gente tem na família, conhece de longe, mas não tem experiência direta com isso. Minha tia lá de Curitiba teve, mas a gente não vivenciou isso. Eu tentei ficar o mais calmo possível, né? Mas é difícil, não é fácil.</p>
<p>Cena 7:</p>	<p>Caio: Acho que foi, com certeza, uma das piores notícias que eu recebi na minha vida. No começo, eu não conseguia aceitar, achava essa doença muito ingrata, porque a gente trabalha, né? A gente vive a vida toda para ter história, e a única coisa que vamos ter lá na frente é a nossa história. E aí, vem essa doença e apaga toda essa história, faz a gente esquecer, faz a gente não lembrar. Eu não conseguia aceitar no começo. Às vezes, a gente desejaria que fosse com a gente, em vez de com uma pessoa tão próxima.</p>
<p>Cena 8:</p> <p>Inserir imagem em: “Então, é muito doloroso, é como se ela estivesse ali de corpo presente, mas a cabeça não está”.</p>	<p>Elenir: Isso é muito triste. Sabe, ver as coisas que ela fala, o presente dela... ela praticamente não se lembra de nada hoje. Isso já faz uns 13 anos, mas o presente dela, realmente, ela não lembra. Ela não lembra o que comeu, não lembra se tomou banho, os remédios que ela acabou de tomar, ela pergunta se já tomou, e não sabe que tem que</p>

	<p>tomar. Então, é muito doloroso, é como se ela estivesse ali de corpo presente, mas a cabeça não está.</p>
<p>Cena 8:</p> <p>Inserir imagem em: “Ela sempre Ela sempre foi uma mãezona, sempre fez tudo para a gente. Até eu ir morar sozinho, ela me colocava a comida no prato, fazia tudo para mim”.</p>	<p>Caio: Ela sempre foi muito cuidadosa, atenciosa, mas também um pouco difícil, mandona, né? Era um pouco do jeito dela. Não gostava muito que a gente fizesse as coisas do nosso jeito, e nós éramos atrevidos, bagunceiros, enfim... (risos). Eu dava bastante trabalho para ela, ela me deixava com os cabelinhos em pé, porque ela era muito preocupada, sempre foi uma pessoa muito preocupada e, às vezes, negativa, mas não no sentido pejorativo. Ela sempre teve muito medo das coisas, porque assistia à televisão e via essas coisas ruins acontecendo com outras famílias, e achava que ia acontecer conosco também. Então, eu saía bastante, e ela ficava sempre me ligando, perguntando quando eu ia voltar, que hora ia chegar, dizendo que não era para sair, que era para eu voltar porque estava tarde. Ela sempre foi bem "pegajosa" nesse ponto, controladora, né? Queria saber tudo, não gostava que saíssemos tarde. Eu saía, mas voltava no outro dia. Mas, com isso, não tem muito o que reclamar, no geral.</p> <p>Ela sempre foi uma mãezona, sempre fez tudo para a gente. Até eu ir morar sozinho, ela me colocava a comida no prato, fazia tudo para mim. Ela me acordava para ir para a escola, fazia meu almoço, buscava o pão para o café da manhã, fazia o almoço, lavava</p>

	<p>as louças, limpava a casa, lavava roupa. Ela sempre cuidou de tudo, sempre esteve ali para quem precisasse. Não só para mim, mas para todos os netos. Ela sempre deu o mesmo amor e carinho para todos.</p>
<p>CENA 9:</p>	<p>Givanildo: Ela passava a maior parte do tempo aqui, né? Ela lavava a roupa dela e vinha estender ou recolher. Hoje, ela vem aqui quando a gente traz ela, né? Quando a gente fala "vamos caminhar, vamos fazer uma caminhada", a gente dá a volta na casa, às vezes sai lá fora na rua. Minha mãe sempre foi muito ativa. Ela ia ao supermercado, ia ao centro sozinha, às vezes pegava o circular, às vezes não. Ela fazia tudo que uma pessoa normal faz. Com o tempo, igual eu falei, de um ano para cá, muita coisa mudou. Ela foi deixando de fazer muitas coisas. A roupa era uma terapia para ela, né? Ela gostava de lavar roupa à mão, quase não usava o tanquinho nem a máquina. E isso foi uma das primeiras coisas que ela deixou de fazer, não porque ela quis, né? Porque até hoje ela fala que ainda tem que lavar roupa, ainda tem que levantar para fazer o almoço, mas a gente sabe que ela não consegue mais. A gente gostaria de deixar ela fazer alguma coisa, algo que fosse bom para ela, mas, infelizmente, não tem como.</p>
<p>CENA 10:</p>	<p>Caio: Então a gente precisa ajudar ela para tudo: para lavar, para tomar banho, para ir ao banheiro, para comer, para se alimentar. Ela vive lembrando cenas do passado, como se</p>

	<p>eu não tivesse crescido, como se minha mãe não tivesse crescido, como se ela fosse pequena. Enfim... Aí a gente dá risada, até chega a ser engraçado, porque ela solta essas pérolas durante o dia. E aí a gente tem que viver com isso, é cuidar, sempre em cima, não pode deixar sozinha. E quando puder, sei lá, se apegar nos outros momentos, nas lembranças e dar risada. Tem que se tornar leve, porque se for pesado, acho que desgasta muito, desgasta a família, desgasta a relação, e acaba não normalizando, mas acaba afetando. Então, assim, a gente precisa tentar normalizar, entre aspas, o máximo possível, para conseguir tocar a vida. A vida não pode parar, a gente está construindo famílias, as gerações estão se multiplicando. Ela é a soberana disso tudo, então, assim, ela é nosso pontapé inicial. E agora a gente dá sequência, sempre tendo ela na memória e apoiando no que ela precisar. Agora, tudo é voltado para ela. Então, tudo que a gente faz, a gente pensa nela: o quanto ela pode, o quanto ela aguenta, e se a gente pode ou não fazer. Aí, se a gente quer sair para algum lugar, será que a vó consegue? Sempre pensando nela. Então a gente muda a nossa... a gente acaba mudando a função, né? A nossa função, como quando você tem um bebê. Você faz tudo pelo seu bebê. A gente tem nossa avó com Alzheimer, e fazemos tudo por ela da forma que conseguimos incluí-la.</p>
Cena 11:	Elenir: Queria pedir sim, na verdade, dizer

	<p>para ela que ela foi uma pessoa que me influenciou muito na vida, sabe? Ela foi uma pessoa que sempre esteve presente na minha vida, na sua vida, na vida dos netos. E, tipo assim, fico muito triste com essa doença, porque não gostaria de ver ela passando por isso. Mas eu queria dizer para ela que, assim, peço para ela não se esquecer da gente, mas, se acontecer dela esquecer, eu vou estar sempre lembrando dela e que eu não vou esquecer dela nunca. E que eu amo muito ela, muito, muito, muito, muito. Se Deus quiser, ela vai parar por aí e que ela tenha muitos anos de vida. E, enquanto ela estiver aqui, a gente vai cuidar dela do jeito que ela precisar.</p>
<p>Cena 12:</p> <p>Inserir imagem em: “Te amo. Tudo o que precisar, estou aqui. É só uma passagem, só um momento. O importante foi tudo o que a gente já viveu. Eu sei que a senhora foi muito feliz, e isso é o que importa”.</p>	<p>Givanildo: É difícil falar, mas a gente nunca vai conseguir retribuir. Então, o que a gente faz, na verdade, não é nada, né? Porque ela já se doou tanto por mim, fez tanto por mim, que não é peso nenhum para mim, eu faço com amor. Gratidão por tudo o que você fez por mim. Te amo. Tudo o que precisar, estou aqui. É só uma passagem, só um momento. O importante foi tudo o que a gente já viveu. Eu sei que a senhora foi muito feliz, e isso é o que importa.</p>
<p>Cena 13:</p>	<p>Caio: Mas a nossa família é muito fechada, né? Ela nunca foi uma pessoa de falar para fora, para os outros, o quanto ama. Sempre foi alguém que demonstrava mais do que dizia. Então, acho que a maneira que eu consigo hoje demonstrar o quanto eu amo ela</p>

	<p>é tentando fazer, pelo menos, um pouco do que ela fez por mim, né? Eu não tenho uma mensagem pronta, não sei exatamente o que dizer para expressar o quanto eu a amo, o quanto ela é importante, o quanto sempre foi e ainda é essencial para mim, para os meus primos, para os meus tios e para minha mãe. Cara, na minha vida, quando os meus pais não deram certo, graças a Deus, eu tinha ela. Ela me acolheu como um filho e fez de tudo por mim. Eu a amo imensamente. Não consigo mensurar o quanto ela significa para mim. A única coisa que eu gostaria é que ela tivesse mais saúde hoje, que estivesse mais firme. Graças a Deus, ela está super bem agora. Passamos por altos e baixos, mas que ela possa continuar com a gente por muito mais tempo. Independente de tudo, ela sabe o quanto eu a amo. É do nosso jeito, meio frio, talvez, mas muito sincero. Nossa família não é das mais carinhosas, mas acho que isso é só um traço cultural. Ainda assim, estamos sempre ali, prontos para o que for preciso, sempre unidos. Então, é isso. Eu amo a dona Aparecida Leonardo demais.</p>
ENCERRAMENTO	<p>Ao final, uma cadeira é colocada no quintal da casa. Logo em seguida, Elenir e Givanildo ajudam Aparecida a se acomodar. Assim que ela se senta, e o entrevistador pergunta com carinho: "Vó, como foi o seu dia?"</p>
ENCERRAMENTO	<p>Vídeo: em tela preta, são inseridos dados sobre o Alzheimer no Brasil e em todo mundo. Na sequência, aparece uma filmagem</p>

	em que Aparecida está comemorando seu 78º aniversário. FADE-OUT
SOBE ROLL	<p>AGRADECIMENTOS</p> <p>Aparecida Leonardo Lemes</p> <p>Elenir Lemes Merice</p> <p>Givanildo de Fátima Lemes</p> <p>Caio Henrique Gonçalves</p> <p>Captação, produção, roteirização, edição e finalização: André Lemes Merice</p> <p>Orientação: Flávia Cortese Martelli</p> <p>Trilhas:</p> <p>A Classical Piano and Cello</p> <p>Love Story</p> <p>Sad</p> <p>Sad Piano Is</p> <p>Sad Piano Violin</p> <p>The Worry Emotional Slow Piano</p>

2. CRONOGRAMA

Atividades	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Pesquisa do tema	X	X				
Pesquisa bibliográfica	X	X				
Coleta de dados (se for o caso)	X	X	X			
Apresentação e discussão	X	X	X			

dos dados						
Elaboração do projeto		X	X	X		
Entrega do projeto					X	
Apresentação do projeto						X

3. RELATOS DE PRODUÇÃO

A produção do documentário “Vó, como foi o seu dia?” foi uma jornada profundamente emocionante e repleta de desafios, tanto técnicos quanto humanos. Desde a fase inicial de pesquisa até a conclusão das gravações, o trabalho se dedicou a criar um retrato autêntico e sensível do cotidiano de uma pessoa portadora de Alzheimer e do impacto da doença na dinâmica familiar.

Na etapa de planejamento, houve um intenso trabalho de pesquisa sobre o Alzheimer, envolvendo consultas com especialistas em geriatria, psicologia e assistência social, para garantir que o tema fosse abordado de maneira ética e informativa. Paralelamente, iniciou-se o contato com a família de Aparecida Leonardo Lemes, que gentilmente aceitou compartilhar sua história. A estrutura das entrevistas foi cuidadosamente planejada para equilibrar relatos emocionais com informações relevantes, com cada personagem trazendo uma perspectiva única sobre a convivência com a doença.

As gravações ocorreram principalmente na casa de Aparecida, escolhida por ser o cenário central da história, carregado de memórias e objetos que ajudaram a construir a narrativa visual. Locais como o quintal e a cozinha também foram utilizados, contribuindo para captar momentos espontâneos e íntimos da rotina familiar. A condução das entrevistas exigiu sensibilidade, criando um ambiente acolhedor para que os participantes se sentissem confortáveis ao compartilhar suas vivências. Momentos de silêncio, lágrimas e risos marcaram as sessões, evidenciando a intensidade emocional das histórias. Para preservar o bem-estar dos entrevistados, as gravações foram feitas em sessões curtas e respeitadas, reforçando a confiança entre os participantes e o responsável pela produção.

Na fase de pós-produção, a edição do material exigiu um cuidado especial para transmitir a delicadeza das histórias sem recorrer a dramatizações excessivas. A trilha sonora foi escolhida com tons suaves e emotivos, complementando as imagens e os depoimentos sem

tirar o protagonismo da realidade capturada. Durante todo o processo, ficou evidente que o documentário não era apenas sobre o Alzheimer, mas também sobre humanidade, resiliência e o poder transformador do amor familiar.

“Vó, como foi o seu dia?” tornou-se mais do que um projeto audiovisual; foi uma experiência de aprendizado e sensibilização. O documentário não apenas registrou os desafios enfrentados pela família, mas também revelou momentos de união e superação, oferecendo ao público uma visão profundamente humana e empática sobre a convivência com a doença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário “Vó, como foi o seu dia?” não apenas cumpriu sua função de registrar e divulgar os desafios da convivência com o Alzheimer, mas também cumpriu um papel crucial na sensibilização do público sobre os impactos dessa doença, tanto para os pacientes quanto para seus familiares. Ao dar voz a personagens que vivenciam a doença de forma direta e intimamente ligada ao cotidiano de Aparecida, a obra se tornou um testemunho genuíno de resiliência, amor e a complexidade das relações familiares diante da perda gradual de memória e autonomia.

Ao longo do processo de produção, ficou claro que a força da narrativa não está apenas na doença em si, mas na maneira como ela molda e redefine os laços familiares. A experiência de Elenir, Givanildo e Caio trouxe à tona uma nova perspectiva sobre o Alzheimer: uma perspectiva que não apenas destaca os desafios e dificuldades, mas também as formas de adaptação, aprendizado e compaixão que surgem em meio a essa adversidade. O documentário mostrou que, apesar das limitações físicas e mentais impostas pela doença, o amor e o cuidado familiar são forças poderosas capazes de transformar a experiência, oferecendo conforto e dignidade àqueles que vivem com Alzheimer.

Além disso, o trabalho revelou como a produção de um documentário pode ser um processo emocionalmente desafiador, especialmente quando se está diante de uma realidade tão íntima e pessoal. A decisão de gravar em um ambiente doméstico e a escolha de registrar o cotidiano de alguém tão especial contribuíram para a autenticidade da obra, permitindo que o espectador se conectasse emocionalmente com a história de forma genuína e empática.

Em sua essência, “Vó, como foi o seu dia?” não apenas busca educar e informar sobre o Alzheimer, mas também promove uma reflexão mais profunda sobre o papel da família e da sociedade no cuidado dos indivíduos afetados por doenças degenerativas. Ao abordar o Alzheimer com respeito e humanidade, o documentário espera contribuir para a criação de um

ambiente mais acolhedor e compreensivo para os pacientes e suas famílias, e incentivar uma mudança na forma como enxergamos a doença.

O documentário, portanto, se propõe a ser mais do que um relato sobre a doença — é um apelo à empatia, à solidariedade e à valorização dos pequenos momentos de vida, nos quais o amor e o cuidado se tornam os maiores aliados da memória.

REFERÊNCIAS

Alzheimer360. O que é a doença de Alzheimer? Disponível em: <https://www.alzheimer360.com/o-que-e-alzheimer>. Acesso em: 05 mai. 2024.

ARAÚJO, J. R.; FERREIRA, P. L.; SILVA, M. T. **Envelhecimento e longevidade: aspectos biológicos, sociais e de saúde.** São Paulo: Editora Saúde, 2009.

ARRUDA, M. C.; ALVAREZ, A. M.; GONÇALVES, L. H. T. **O Familiar cuidador de portador de doença de Alzheimer participante de um grupo de ajuda mútua.** In: Cienc. Cuid. Saúde, jul./set.; 7(3):339-345, 2008.

Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14724: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação.** Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BACELAR, O. Lembro, logo existo. **Principais dúvidas sobre memória e esquecimento.** Rio de Janeiro: Auracom Livros, 2009

CAMARGO, Isabel Eri. **Doença de Alzheimer – um testemunho pela preservação da vida.** Porto Alegre: AGE, 2003.

DE LORENZI, D. R. S., ARTICO, G. R.; FONTANA, S. **Novos Paradigmas do Envelhecimento Feminino:** a questão do Climatério. In: HEREDIA, V. B. M.; DE LORENZI, D. R. S.; FERLA, A. A. (Org). Envelhecimento, Saúde e Políticas Públicas. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2007.

HUANG, Y. **Understanding Alzheimer's Disease: The Social Impact and Family Burden.** Journal of Gerontology, v. 78, n. 2, p. 123-135, 2023.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Censo demográfico 2010: resultados gerais.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html>. Acesso em: 08 abr. 2024.

NICHOLS, Bill. **Introduction to Documentary.** 2. ed. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). **Dementia: A Public Health Priority.** Disponível em: <https://www.paho.org/en/topics/dementia>. Acesso em: 10 fev. 2024.

PAULINO, M. A.; SILVA, R. M.; QUINTILIO, P. B. **Alzheimer's Disease: A Comprehensive Overview.** São Paulo: Editora Saúde, 2022.

RENOV, Michael. **The Subject of Documentary.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.. Acesso em: 28 maio 2023.

ROSENFELD, Isadore. **Viva Agora, Envelheça Depois – maneiras comprovadas de desacelerar o tempo.** Trad. Patrícia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: UNESP/SENAC, 2002.

SERGIO, Joaquim, VALENÇA, Angela. **Alguns Conselhos sobre a Doença de Alzheimer.** Associação Portuguesa dos Familiares e Amigos dos Doentes de Alzheimer. Livro adaptado com licença da ALZHEIMER's Association, 2003.

APÊNDICES

DECUPAGEM - ENTREVISTA ELENIR LEMES

Pergunta: Como você lidou ao receber a notícia de que sua mãe estava com Alzheimer?

Resposta: De tristeza. Na verdade, assim, teve um processo de investigação, né? Com exames, tudo e tal, era uma hipótese ainda, né? Então sempre tinha esperança de que não fosse, né? Que tudo... essas coisas a gente sempre espera que não, né? Mas o dia em que o diagnóstico foi confirmado, a reação foi de muita tristeza, e saber o que vinha pela frente, né? E, na verdade, a gente também... mesmo sabendo como funcionava a doença, o que a gente pesquisou, o que os médicos passaram, a gente sempre tinha esperança de que com ela fosse diferente, né? Que não fosse tão agressivo. Na verdade, foi bastante agressivo, né? Avançou muito, porque o que o médico falou para a gente era que não tinha cura, né? Que o remédio ia dar uma paralisada, mas que não ia resolver. Mas, na verdade, não foi o que aconteceu. Ela avançou bastante.

Pergunta: Como foi contar para ela que tinha Alzheimer?

Resposta: Na verdade, a gente não contou. O que a gente falou foi que ela iria fazer um tratamento para a cabeça, porque se vivia falando que a cabeça não estava legal, então ela ia tomar uns remedinhos para melhorar. Quando a gente levava ela, ela falava assim: “Vocês vivem me trazendo aqui no médico, mas eu não melhora.” Era uma das coisas que ela dizia para a gente. É doloroso, porque você convive com ela e sabe que, dia após dia, é muito triste. Você vê as coisas que ela fala... ela praticamente não se lembra de nada. Isso já faz três anos que descobrimos e, assim, avançou muito. Hoje, no presente, ela realmente não lembra de nada. Ela não lembra o que comeu, não sabe se tomou banho, pergunta se já tomou remédio. Ela não tem noção do que tomou. Então é muito doloroso, sentir que ela está ali de corpo presente, mas a cabeça não está.

Pergunta: Como vocês dividem os cuidados entre os irmãos?

Resposta: Na verdade, estou vivendo um dia após o outro, sabe? Cada dia de cada vez. Não procuro pensar muito nisso, porque já é um sofrimento. Estamos lidando com a situação atual, né? Então, não procuro pensar no futuro. Quanto à divisão, somos cinco, mas quatro moram mais perto dela. Ela mora com dois irmãos que cuidam dela à noite, de dia ela tem uma cuidadora, e a gente vai revezando nos finais de semana para cuidar dela. Para não sobrecarregar os dois irmãos que ficam com ela o tempo todo. Eu procuro não pensar muito sobre isso, como eu falei, é muito triste. Vamos deixar acontecer. Espero que não aconteça.

Pergunta: Vocês chegaram a acreditar que a doença poderia evoluir de forma mais lenta?

Resposta: Sim, até que quando soube do diagnóstico, eu não imaginava que fosse avançar tão rápido. Todos os dias eu peço a Deus que não chegue aos extremos da doença. Não peço um milagre, mas peço para Deus frear um pouco para que ela possa sentar, ver as coisas ao redor... O que o médico falou é que o que ela perdeu, ela não vai recuperar. Mas, se parasse aqui, do jeito que está, para mim já seria ótimo.

Pergunta: Como é a rotina de uma pessoa com Alzheimer?

Resposta: Ela já perdeu as necessidades fisiológicas. Ela não lembra que fez. Perguntamos se ela está com vontade de ir ao banheiro, ela às vezes diz que sim, mas a maioria das vezes não. Sobre alimentação, se você pergunta se ela está com fome, ela diz que não. Se está com sede, a resposta é sempre não. Se você não der comida para ela, ela fica o dia todo sem fazer nada. Então, você precisa cuidar dela como se fosse uma criança. É assim que tem que ser.

Pergunta: A pandemia influenciou no avanço da doença?

Resposta: Eu acredito que sim, mas não sei se cientificamente é isso. Conhecendo minha mãe, eu acredito que sim. Antes ela era muito ativa. Quando ela tinha mais de 70 anos, andava pela cidade inteira sozinha, fazia todas as coisas sozinha. Mas a pandemia, eu acho que ajudou a piorar a doença.

Pergunta: Que mensagem você deixaria para sua mãe?

Resposta: Eu queria eu queria pedir sim que pedir, na verdade, dizer para ela que ela foi uma pessoa que muito me influenciou na vida, sabe? Ela foi uma pessoa que sempre esteve presente na minha vida na sua vida na vida dos netos e que tipo assim eu fico muito triste para essa doença, porque eu não gostaria de ver ela passando isso, mas eu queria dizer para ela. Assim que pedir para ela. Para ela não se esquecer da gente, mas se acontecer dela esquecer eu vou estar sempre lembrando dela e que eu não vou esquecer dela nunca e que eu amo muito ela muito, muito e muito, se Deus quiser, ela vai parar nisso. Daí ela tem muitos anos de vida e enquanto ela tiver aqui a gente vai cuidar dela do jeito que ela tiver.

DECUPAGEM - ENTREVISTA GIVANILDO LEMES

Pergunta: Como você lidou ao receber a notícia de que sua mãe estava com Alzheimer?

Resposta: No início, eu tentei ser forte, sabe? Tentei não deixar aquilo me impactar tanto naquele primeiro momento. Assim que saímos do consultório, levamos ela até o carro. Eu estava com a minha irmã, e quando nos olhamos, ela começou a chorar. Eu tentei aparentar mais força e disse: "Calma, vamos esperar as coisas, ver como vão se desenrolar, porque ainda não temos noção de como isso será." Naquele momento, não sabíamos o tamanho do desafio que viria, como a doença iria progredir, ou como minha mãe iria reagir. Até então, ela parecia normal, como se não tivesse nada. Minha primeira reação foi tentar ser forte e começar a entender o que estava acontecendo, tentar compreender como seria daqui pra frente. A gente já conhecia casos na família, como uma tia nossa de Curitiba, mas era algo distante. Nunca tínhamos vivido isso de perto. Eu tentei me manter o mais calmo possível, mas, olha, é muito difícil. Não é fácil, não.

Pergunta 2: E como a sua rotina mudou? Antes você já tinha alguns cuidados com ela, mas agora, com a doença, parece que as responsabilidades aumentaram. Conta um pouco sobre como isso afetou seu cotidiano e como você equilibra os cuidados com as suas próprias obrigações, como trabalho e filhos.

Resposta: Hoje, em especial no último ano, ficou mais difícil em relação aos horários. Quando estou com ela, preciso acordá-la para dar banho, medir a glicemia, verificar a pressão, preparar o café da manhã... Coisas que antes ela fazia sozinha. Hoje, tudo depende de alguém. Por exemplo, lavar as roupas dela ou levá-la ao banheiro. Dar banho é a parte mais delicada, porque envolve toda a questão de cuidado e troca. Às vezes, precisamos ajudar até em situações de higiene mais íntimas. Antes, ela fazia tudo sozinha, mas agora precisa de acompanhamento em tudo, como se cuidássemos de um bebê. Mas, sendo filho, eu não vejo isso como um peso. Sempre penso que, por mais que a gente faça, nunca será suficiente para retribuir tudo que ela já fez por mim. O que eu faço, faço com amor. E espero poder cuidar dela por muitos anos ainda, se Deus quiser.

Pergunta: Como o Alzheimer afetou a sua mãe? O que ela fazia antes e deixou de fazer agora?

Resposta: Minha mãe sempre foi muito ativa. Ela fazia as tarefas dela, lavava as roupas, ia ao mercado ou ao centro da cidade sozinha, pegava circular... Era muito independente. De uns tempos pra cá, especialmente no último ano, ela começou a deixar de fazer várias coisas. Lavar roupa era quase uma terapia para ela; ela preferia fazer na mão, nem usava a máquina. Foi uma das primeiras coisas que parou de fazer, não porque quis, mas porque simplesmente não consegue mais. Ela ainda diz: "Eu preciso lavar a roupa, preparar o almoço..." Mas sabemos que isso não é mais possível. Hoje, ela só anda com apoio. Precisamos ajudá-la a se levantar e acompanhá-la em todos os passos. As conversas também mudaram muito; às vezes, ela diz coisas que nem conseguimos entender. Nessas horas, a gente só concorda, porque sabemos que faz parte da doença. A verdade é que o Alzheimer é progressivo. Mesmo com o coração cheio de esperança, sabemos que essa é a realidade. A gente aprende a lidar com o dia a dia, torcendo para que, pelo menos, estabilize.

Pergunta: Imagine que, lá na frente, ela possa assistir a isso, mesmo que talvez não entenda o contexto. Qual seria a sua mensagem para ela, de quem cuidou de você a vida inteira e agora recebe o seu amor de volta?

Resposta: Obrigado, mãe. Gratidão por tudo o que você fez por mim. Eu te amo, e tudo o que a senhora precisar, eu estou aqui. Essa é só uma fase, só um momento. O importante é tudo o que a gente já viveu juntos. Eu sei que a senhora foi muito feliz, e isso é o que importa.

DECUPAGEM - ENTREVISTA CAIO HENRIQUE

Pergunta: Eu queria que você comentasse a sua relação com a sua avó. Quando eu escolhi você, foi porque, além de neto, você foi como um filho para ela. Queria que você contasse um pouco sobre a sua infância ao lado dela, os momentos que vocês viveram juntos.

Resposta: Toda a minha história é com ela, né? Meus pais se separaram muito cedo, e isso fez com que viéssemos morar com a minha avó. Meus pais precisavam trabalhar para nos sustentar, então quem cuidou de mim foi ela. Desde pequeno, ela assumiu o papel de mãe na minha vida. É difícil colocar em palavras tudo o que ela foi e o que representa para mim e para toda a nossa família. Mas, para mim, especialmente, é ainda mais forte. Eu fui o neto caçula, mas, na verdade, ela me tratava como um filho. Cuidou de mim com todo amor e

carinho, como sempre fez com todos. Talvez eu tenha sido um pouco privilegiado, confesso. Acho que a família até tinha um pouquinho de ciúmes disso. Cara, não tenho palavras para descrever o quão importante ela foi e ainda é na minha vida. Ela foi incrível, do jeitinho dela. Foi muito especial, e eu só tenho a agradecer por tudo.

Pergunta: Queria que você contasse como foi receber a notícia de que a sua avó — a sua segunda mãe, ou mãe mesmo — estava com Alzheimer, uma doença tão pesada.

Resposta: Com certeza foi uma das piores notícias que recebi na minha vida. No começo, eu não conseguia aceitar. Acho essa doença muito ingrata, sabe? Porque a gente vive, constrói uma história, e a única coisa que temos no final é justamente essa história. Aí, vem essa doença e apaga tudo. Faz a pessoa esquecer, faz com que ela não consiga lembrar. Por ser ela, alguém tão importante para mim, eu simplesmente não aceitava. Às vezes, cheguei a pensar que preferia que fosse comigo, porque ver isso acontecer com uma pessoa tão próxima é devastador. Mas, cara, os planos de Deus a gente não entende, né? Eu tentei, dentro de mim, normalizar a situação o máximo que pude. Foi uma luta interna muito grande para aceitar, porque não é fácil. Toda a família sentiu isso, cada um de um jeito. Como eu era muito próximo dela, saber que ela não vai estar totalmente presente nos momentos mais importantes da minha vida — como quando eu tiver um filho — dói demais. Ela não vai poder ser para ele o que foi para mim. Mas a gente não tem muito o que fazer, né? Só aceitar e aproveitar os últimos momentos.

Pergunta: Você nasceu aqui, em Orlândia, mas se mudou para Ribeirão Preto quando atingiu a maioridade. Quando soube do diagnóstico da sua avó, em algum momento você pensou em voltar? Como isso influenciou a sua vida hoje?

Resposta: Pensei, sim. Na verdade, eu queria abandonar tudo. Queria ter voltado, ficado aqui para ser para ela o que ela foi para mim. Porque agora, ela precisa de tudo o que sempre deu para todos nós: atenção, carinho, cuidado. É difícil porque nossa família é grande, mas cada um tem suas limitações e dificuldades. Todo mundo tenta ajudar, mas eu sentia que devia estar mais presente. Faltou pouco para eu desistir de tudo, sabe? Minha esposa, Letícia, teve um papel fundamental nisso tudo. Ela foi o meu apoio. No começo, eu não aceitava o diagnóstico, achava que talvez fosse um erro ou que, se eu estivesse aqui, as coisas seriam diferentes. Mas, com o tempo, entendi que estar aqui ou não não mudaria nada. Era o plano de

Deus. Hoje, continuo minha vida lá, mas com o coração partido. Ainda sofro muito, mas sou um cara fechado e não demonstro. Nem para a minha esposa é fácil perceber quando não estou bem.

Pergunta: Como a família lida com o cuidado dela hoje? Vocês têm alguma cuidadora? Como é o dia a dia?

Resposta: Atualmente, temos uma cuidadora durante o dia, porque todos precisam trabalhar. À noite, minha mãe fica com ela, já que moram juntas. Esse foi outro ponto que me fez querer voltar: hoje, não há um homem presente na casa. Meu tio esteve por lá um tempo, mas voltou para a casa dele com a esposa e os filhos. Minha avó precisa de cuidados constantes, como uma criança recém-nascida. Oscila muito: tem dias que está bem, outros em que está muito debilitada. Além do Alzheimer, ela tem diabetes descontrolada, o que a deixa ainda mais frágil. A rotina é intensa. Precisamos ajudá-la com tudo: tomar banho, comer, ir ao banheiro. Ela vive relembrando cenas do passado como se eu ainda fosse criança ou como se minha mãe ainda fosse pequena. Às vezes, é engraçado, porque ela solta algumas pérolas que nos fazem rir.

Pergunta: Para encerrar, queria que você deixasse um recado para ela. Não é uma despedida, mas algo do coração.

Resposta: Não sou muito de falar sobre sentimentos, mas acho que isso é algo da nossa família. Até nisso minha avó influenciou. Ela nunca foi de expressar com palavras o quanto nos ama, mas sempre demonstrou com ações. A única maneira que tenho para retribuir todo o amor que recebi dela é cuidando dela hoje, como ela cuidou de mim. Eu a amo imensamente e não consigo colocar isso em palavras. Gostaria que ela tivesse mais saúde para que pudéssemos viver ainda mais momentos juntos. Mas, mesmo assim, sou grato por tudo. Ela foi e é uma mãe para mim. Eu amo ela, do nosso jeitinho meio frio, mas é sincero pelo menos. Eu amo a Dona Aparecida Leonarda.

ANEXOS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **TCC - Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo** desenvolvido (a) pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) **Volta na Moda, do Curso de Jornalismo** a ser apresentado em Banca Avaliadora e depois veiculado (a), nas redes sociais do Curso e do Projeto.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais). Seus dados serão armazenados em nossa base segura.

Ribeirão Preto, 26 de NOVEMBRO de 2024.

Assinatura: Aparecida Leonarda Lemes

Nome: APARECIDA LEONARDA LEMES

End.: AVENIDA Q Nº 1092 ZITA SIENA

CPF: 196.281.358-48

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **TCC - Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo** desenvolvido (a) pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) **Volta na Moda, do Curso de Jornalismo** a ser apresentado em Banca Avaliadora e depois veiculado (a), nas redes sociais do Curso e do Projeto.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais). Seus dados serão armazenados em nossa base segura.

Ribeirão Preto, 26 de novembro de 2024.

Assinatura: Elenir Lemes meruci

Nome: Elenir Lemes meruci

End.: R. Presidente Vargas N° 1001 - J. Oliveira/SP


CPF: 109.046.368-52

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **TCC - Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo** desenvolvido (a) pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) **Volta na Moda, do Curso de Jornalismo** a ser apresentado em Banca Avaliadora e depois veiculado (a), nas redes sociais do Curso e do Projeto.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais). Seus dados serão armazenados em nossa base segura.

Ribeirão Preto, _____ de _____ de 2024.

Assinatura:  Documento assinado digitalmente
CAIO HENRIQUE GONCALVES
Data: 26/11/2024 12:06:59-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br> _____

Nome: _____

End.: _____

CPF: _____

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Pelo presente instrumento, eu, abaixo firmado e identificado, autorizo, graciosamente, a **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO**, entidade sem fins lucrativos, inscrita no CNPJ sob o nº 55.983.670/0001-67, sediada na Avenida Costábile Romano, nº 2201, Ribeirão Preto, São Paulo, a utilizar **minha imagem e voz**, para fins de participação no **TCC - Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo** desenvolvido (a) pela **UNIVERSIDADE DE RIBEIRÃO PRETO - UNAERP** intitulado (a) **Volta na Moda, do Curso de Jornalismo** a ser apresentado em Banca Avaliadora e depois veiculado (a), nas redes sociais do Curso e do Projeto.

Esta autorização inclui o uso de todo o material criado que contenha minha imagem e voz, pela **ASSOCIAÇÃO DE ENSINO DE RIBEIRÃO PRETO** da forma que melhor lhe aprouver, notadamente para toda e qualquer forma de comunicação ao público, tais como material impresso, rádio, radiodifusão, televisão aberta, fechada e por assinatura, bem como sua disseminação via Internet, independentemente do processo de transporte de sinal e suporte material que venha a ser utilizado para tais fins, sem limitação de tempo ou do número de utilizações/exibições, no Brasil e/ou no exterior, de acordo com os artigos 7º e 11º. da Lei nº 13.709/2018 (Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais). Seus dados serão armazenados em nossa base segura.

Ribeirão Preto, 06 de NOVEMBRO de 2024.

Assinatura: Givanildo de Fátima Lemes
Nome: Givanildo de Fátima Lemes
End.: Travessa Dezesete nº 1957
CPF: 289.076.458-33